

Thompson, Paul
A Voz do Passado

História Oral, Ed Ray e Terra
1992

RELATOS ORAIS:
DO "INDUZÍVEL" AO "DIZÍVEL"

Maria Isaura Pereira de Queiroz

Experimentos de História de Vida,
Olga Simpson.

Revalorização do relato oral

Não faz muitos anos, o "relato", denominado agora "história oral", fez seu reaparecimento entre as técnicas de coleta de material empregadas pelos cientistas sociais com tanto sucesso que, por muitos deles, foi encarado como "a" técnica por excelência, e até mesmo a única válida para se contrapor às quantitativas. Enquanto estas últimas — reduzindo a realidade social à aridez dos números — pareciam amputá-la de seus significados, a primeira encerrava a vivacidade dos sons, a opulência dos detalhes, a quase totalidade dos ângulos que apresenta todo fato social.

Diz-se reaparecimento porque, do começo do século ao início dos anos 50, a "história oral" fora utilizada por sociólogos como W. I. Thomas (1863-1947) e F. Znaniecki (1882-1958) em sua pesquisa conjunta, datada de 1918-1920; ou como John Dollard (1900) que pretendeu traçar-lhe as regras de aplicação; e também por antropólogos, entre os quais Franz Boas (1858-1942), geógrafo alemão convertido à antropologia e naturalizado americano em 1886, que recolheu relatos e depoimentos de velhos caciques e pajés a fim de preservar do desaparecimento a memória da vida tribal. Estes cientistas sociais encaravam a história oral e principalmente a história de vida como um instrumento fundamental de suas disciplinas. Porém, enquanto Boas a empregava sem grandes discussões, tanto Dollard

quanto Thomas e Znaniecki alertavam para as dificuldades que apresentavam.

Para estes dois últimos, a história de vida mostrava apenas um aspecto parcial da realidade; assim sendo, não podia ser utilizada isoladamente, mas devia ser completada e esclarecida por toda a sorte de dados colhidos segundo outras técnicas. O monumental trabalho que empreenderam sobre o camponês da Polônia, imigrante e em seu país de origem encerra, com efeito, coletas realizadas por meio de instrumentos de pesquisa os mais variados. Quanto a John Dollard, sua preocupação era as implicações psicológicas das histórias de vida. Considerava-as como aptas para se conhecer como se desenvolvia um indivíduo em seu meio sócio-cultural; estariam, portanto, muito coloridas pelo subjetivismo do informante, o que deturparia sua narrativa. Porém, para estes autores, o relato oral se apresentava como técnica útil para registrar o que ainda não se cristalizara em documentação escrita, o não conservado, o que desapareceria se não fosse anotado; servia, pois, para captar o não explícito, quem sabe mesmo o indizível.¹

O grande desenvolvimento das técnicas estatísticas, em fins dos anos 40, relegou para a penumbra relatos orais e histórias de vida, que pareciam demasiadamente ligadas às influências da psique individual. A técnica de amostragem com a aplicação de questionário surgia agora como a maneira mais adequada de se obter dados inquestionavelmente objetivos.

Pouco a pouco se percebeu, no entanto, que valores e emoções permaneciam escondidos nos próprios dados estatísticos. Já que as definições das finalidades da pesquisa e a formulação das perguntas estavam profundamente ligadas à maneira de pensar e de sentir do pesquisador, o qual transpunha assim para os dados, de maneira perigosa porque invisível, sua própria percepção e seus preconceitos. Os números perdiam sua auréola de pura objetividade, patenteando-se dotados de vieses anteriores ao momento da coleta, escondidos na formulação do problema e do questionário; ocultos, pareciam inexistentes.... Porém influenciavam o levantamento, desviando-o muitas vezes do rumo que devia seguir.

O desenvolvimento tecnológico, colocando à disposição do cientista social novos meios de captar o real, como o gravador, reavivou novamente o relato oral. As fitas pareciam agora o meio milagroso de conservar à narração uma vivacidade de que o simples registro no papel as despojava, uma vez que a voz do entrevistado, suas entonações, suas pausas, seu vaivém no que contava, constituíam outros

tantos dados preciosos para estudo, sem dúvida, Oscar Lewis foi um pioneiro neste sentido. Muito embora se considere hoje discutível a maneira pela qual agiu, ao colher as várias histórias de vida de membros da família Sanchez, mostrou como utilizar um novo meio de registro, recolheu preciosos repositório de dados, criou documentos cuja exploração é ainda possível, apesar das dúvidas levantadas.¹ Como que se redescobriu nesse momento o relato oral e se aquilatou de maneira positiva sua grande importância.

Relato oral e transmissão de conhecimentos

No entanto, através dos séculos, o relato oral constituirá sempre a maior fonte humana de conservação e difusão do saber, o que equivale a dizer, fora a maior fonte de dados para as ciências em geral. Em todas as épocas, a educação humana (ao mesmo tempo formação de hábitos e transmissão de conhecimentos, ambos muito interligados) se baseara na narrativa, que encerra uma primeira transposição: a da experiência indizível que se procura traduzir em vocábulos. Um primeiro enfraquecimento ou uma primeira mutilação ocorre então, com a passagem daquilo que está obscuro para uma primeira nitidez, — a nitidez da palavra, — rótulo classificatório colocado sobre uma ação ou uma emoção.

A transmissão tanto diz respeito ao passado mais longínquo, que pode mesmo ser mitológico, quanto ao passado muito recente, à experiência do dia-a-dia. Ela se refere ao legado dos antepassados e também à comunicação da ocorrência próxima no tempo; tanto veicula noções adquiridas diretamente pelo narrador, que pode inclusive ser o agente daquilo que está relatando, quanto transmite noções adquiridas por outros meios que não a experiência direta, e também antigas tradições do grupo ou da coletividade.

O relato oral está, pois, na base da obtenção de toda a sorte de informações e antecede a outras técnicas de obtenção e conservação do saber; a palavra parece ter sido senão a primeira, pelo menos uma das mais antigas técnicas utilizadas para tal. Desenho e escrita lhe sucederam. Quando o "homem das cavernas" deixou, nas paredes desta, figuras que se supõe formarem um sentido, estava transmitindo um conhecimento que possuía e que talvez já tivesse recebido um nome, estando já designado pela palavra.² O fruto de suas experiências e descobertas ficava assim concretizado e passava aos demais, inclusive aos pósteros. Mais tarde a escrita, quando inventada, não foi mais do que uma nova cristalização do relato oral.

Desde que o processo de transmissão do saber se instala, implica imediatamente na existência de um narrador e de um ouvinte ou de um público. Ao se operar a passagem do oral para um signo que o "solidifica", seja ele desenho ou escrita, instala-se novo intermediário entre narrador e público. O intermediário pode ser também o indivíduo que funcione como transmissor dos conhecimentos que ouviu de outrem. Da mesma forma que desenho e palavra escrita constituem uma reinterpretação do relato oral, também o indivíduo intermediário, por mais fiel, acrescenta sua própria interpretação àquilo que está narrando.

O gravador parece, a primeira vista, um instrumento técnico próprio para anular, ou pelo menos para diminuir o possível desvio trazido pela intermediação do pesquisador. Logo se viu, no entanto, que o poder da máquina não era tão absoluto, e nem mesmo tão grande quanto se havia suposto, uma vez que a utilização dos dados nas pesquisas exigia, em seguida, a transcrição escrita. Uma parte do registro se perdia na passagem do oral para o texto, e este ficava igualado a qualquer outro documento.⁴ A vantagem era conservar com maior precisão a linguagem do narrador, suas pausas (que podiam ser simbolicamente transformadas em sinais convencionais), a ordem que dava às idéias. O documento resultante era sem dúvida mais rico do que aquele registrado pela mão do pesquisador, mas apesar de tudo havia um empobrecimento quando comparado com a fita gravada, e de novo o pesquisador se tornava um intermediário que podia deturpar de alguma forma o que fora registrado.

A fita, porém, não é passível de ser guardada indefinidamente. Se repetidas vezes empregada por um mesmo ou por sucessivos pesquisadores que quiserem evitar a transcrição escrita, logo se deteriora: obter dela cópias em quantidade leva a despesas apreciáveis, embora concorra para conservá-la. Toda fita, mesmo quando utilizada com parcimônia, ainda assim é frágil, exige cuidados especiais para maior durabilidade, e armazenagem bastante cara. A única forma de se conservar o relato por longo tempo está ainda em sua transcrição. Volta-se ao que se acreditara evitar com o gravador, isto é, à intermediação escrita entre o narrador e o público para a utilização do relato, e às possíveis deturpações dela decorrentes.

Tal constatação contribui para desfazer nova ilusão: a de que se deveria conservar a narrativa o mais próximo possível de seu registro, evitando a intervenção do pesquisador e a ocorrência de cortes que prejudicariam o conhecimento integral do dado recolhido. Tropeça-se aqui com algo que parece obstáculo intransponível: a nítida distinção

guiado por seu próprio interesse ao procurar um narrador, pois pretende conhecer mais de perto, ou então esclarecer algo que o preocupa; o narrador, por sua vez, quer transmitir sua experiência, que considera digna de ser conservada e, ao fazê-lo, segue o pendor de sua própria valorização, independentemente de qualquer desejo de auxiliar o pesquisador. Procurará por todos os meios relatar, com detalhes e da forma que lhe parece mais satisfatória, os fatos que respondem aos seus próprios intentos, e tudo isto pode convir ou não ao pesquisador, o qual tentará então trazer o narrador ao "bom caminho", isto é, ao assunto que estuda.

Mais tarde, ao utilizar o relato, o pesquisador o fará de acordo com suas preocupações e não com as intenções do narrador, isto é, as intenções do narrador serão forçosamente sacrificadas. Assim, o propósito deste último fica sempre em segundo plano, desde o início da coleta de dados. Em primeiro lugar, porque não coincide nunca inteiramente com os propósitos do pesquisador; foram os desejos deste que deslançaram o relato, sendo então predominantes sobre o intento do narrador. Em segundo lugar, porque o pesquisador utilizará em seu trabalho as partes do relato que sirvam aos objetivos fixados, destacando os tópicos que considerará úteis e desprezando os demais.

Noutras palavras, desde o início da coleta do material, quem comanda toda a atividade é o pesquisador, pois foi devido a seus interesses específicos que se determinou a obtenção do relato. Durante a entrevista, portanto, por mais que se procure deixar o narrador como senhor do que está expressando, o pesquisador terá sempre uma posição dominante. Que este mais tarde recorte o material segundo suas finalidades, afim de aproveitá-lo da maneira que melhor convenga a estas, não estará senão seguindo a mesma linha de dominação tomada desde o início e agora reafirmada de maneira mais clara.

Na verdade, a narrativa oral, uma vez transcrita, se transforma num documento semelhante a qualquer outro texto escrito, diante do qual se encontra um estudioso e que, ao ser fabricado, não seguiu forçosamente as injunções do pesquisador; de fato, o cientista social interroga uma enorme série de escritos, contemporâneos ou não, que constituem a fonte de dados em que apóia seu trabalho. Recortes de jornal relativos à atualidade, documentos históricos de variado tipo e de diversas épocas, correspondência hodierna ou passada, registros os mais diversos — sem esquecer as estatísticas estabelecidas pelos governantes ou por instituições específicas — foram redigidos com intenções que nada tinham a ver com a pesquisa que decidiu

fazer; e não é por esta razão que devam ser afastados como menos úteis. Pelo contrário, constituem hoje, como constituíram no passado, a base mais sólida sobre a qual se erguerá o edifício da investigação. É sobre ela que se realizará o procedimento primordial de toda pesquisa — análise. E análise, em seu sentido essencial, significa decompor um texto, fragmentá-lo em seus elementos fundamentais, isto é, separar claramente os diversos componentes, recortá-los, a fim de utilizar somente o que é compatível com a síntese que se busca. Assim, diante destas considerações, o escrúpulo em relação aos recortes das histórias orais e à sua utilização parcial, se afigura nitidamente como um falso problema.

História oral, história de vida

"História oral" é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade. Neste último caso, busca-se uma convergência de relatos sobre um mesmo acontecimento ou sobre um período do tempo. A história oral pode captar a experiência efetiva dos narradores, mas também recoihe destes tradições e mitos, narrativas de ficção, crenças existentes no grupo, assim como relatos que contadores de histórias, poetas, cantadores inventam num momento dado. Na verdade tudo quanto se narra oralmente é história, seja a história de alguém, seja a história de um grupo, seja história real, seja ela mítica.

Dentro do quadro amplo da história oral, a "história de vida" constitui uma espécie ao lado de outras formas de informação também captadas oralmente; porém, dada sua especificidade, pode igualmente encontrar um símile em documentação escrita. Trata-se de tipos de documentos próximos uns dos outros, mas que é necessário distinguir pois cada qual tem sua peculiaridade de coleta e de finalidade. Assemelham-se às histórias de vida, as entrevistas, os depoimentos pessoais, as autobiografias, as biografias; fornecem todas elas material para a pesquisa sociológica, porém diferem em sua definição e características.

A forma mais antiga e mais difundida de coleta de dados orais, nas ciências sociais, é a entrevista; considerada muitas vezes como sua técnica por excelência, tem sido, ao contrário, encarada como desvirtuadora dos relatos. Nunca chegou, porém, a ser totalmente posta de

lado, o que demonstra sua importância. A entrevista supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador; o tema ou o acontecimento sobre que versa foi escolhido por este último por convir ao seu trabalho. O pesquisador dirige, pois, a entrevista; esta pode seguir um roteiro previamente estabelecido, ou operar aparentemente sem roteiro, porém na verdade se desenrolando conforme uma sistematização de assuntos que o pesquisador como que decorou. A captação dos dados decorre de sua maior ou menor habilidade em orientar o informante para discorrer sobre o tema; é este que conhece o acontecimento, suas circunstâncias, as condições atuais ou históricas, ou por tê-lo vivido, ou por deter a respeito informações preciosas. Elas ora fornecem dados originais, ora complementam dados já obtidos de outras fontes. Na verdade, a entrevista está presente em todas as formas de coleta dos relatos orais, pois estes implicam sempre num colóquio entre pesquisador e narrador.

A história de vida, por sua vez, se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Narrativa linear e individual dos acontecimentos que nele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar. Desta forma, o interesse deste último está em captar algo que ultrapassa o caráter individual do que é transmitido e que se insere nas coletividades a que o narrador pertence. Porém, o relato em si mesmo contém o que o informante houve por bem oferecer, para dar idéia do que foi sua vida e do que ele mesmo é. Avanços e recuos marcam as histórias de vida; e o bom pesquisador não interfere para restabelecer cronologias, pois sabe que também estas variações no tempo podem constituir indícios de algo que permitirá a formulação de inferências; na coleta de histórias de vida, a interferência do pesquisador seria preferencialmente mínima.

Outro aspecto fundamental da história de vida é ser ela uma técnica cuja aplicação demanda longo tempo. Não é em uma ou duas entrevistas que se esgota o que um informante pode contar de si mesmo, tanto mais que a duração delas é limitada devido ao cansaço. Além de exigir muitos encontros com o narrador, também deve-se contar quanto levam os relatos para serem transcritos. Finalmente, uma das dificuldades consiste em se chegar a pôr ponto final nas entrevistas, pois o narrador em geral afirma que tem sempre novos detalhes a acrescentar. Não quer perder seu papel de personagem.

Toda história de vida encerra um conjunto de depoimentos. O termo foi muito cedo definido juridicamente, significando interrogações com a finalidade de "estabelecer a verdade dos fatos". Perde, porém, esta conotação nas ciências sociais, para significar o relato de algo que o informante efetivamente presenciou, experimentou, ou de alguma forma conheceu, podendo assim certificar. O crédito a respeito do que é narrado será testado, não pela credibilidade do narrador, mas sim pelo cotejo de seu relato com dados oriundos de outras variadas fontes, que mostrará sua convergência ou não. Desta forma, nas ciências sociais, o depoimento perde seu sentido de "estabelecimento da verdade" para manifestar somente o que o informante presenciou e conheceu.

A diferença entre história de vida e depoimento está na forma específica de agir do pesquisador ao utilizar cada uma destas técnicas, durante o diálogo com o informante. Ao colher um depoimento, o colóquio é dirigido diretamente pelo pesquisador; pode fazê-lo com maior ou menor sutileza, mas na verdade tem nas mãos o fio da meada e conduz a entrevista. Da "vida" de seu informante só lhe interessam os acontecimentos que venham se inserir diretamente no trabalho, e a escolha é unicamente efetuada com este critério. Se o narrador se afasta em digressões, o pesquisador corta-as para trazê-lo de novo ao seu assunto. Conhecendo o problema, busca obter do narrador o essencial, fugindo do que lhe parece supérfluo e desnecessário. E é muito mais fácil a colocação do ponto final neste caso, assim que o pesquisador considere ter obtido o que deseja. A obediência do narrador é patente, o pesquisador tem as rédeas nas mãos. A entrevista pode se esgotar num só encontro; os depoimentos podem ser muito curtos, residindo aqui uma de suas grandes diferenças para com as histórias de vida.

Voltando novamente às histórias de vida, embora o pesquisador subrepticamente dirija o colóquio, quem decide o que vai relatar é o narrador, diante do qual o pesquisador deve se conservar tanto quanto possível, silencioso. Não que permaneça ausente do colóquio, porém suas interferências devem ser reduzidas, pois o importante é que sejam captadas as experiências do entrevistado. Este é quem determina o que é relevante ou não narrar, ele é quem detém o fio condutor. Nada do que relata pode ser considerado supérfluo, pois tudo se encadeia para compor e explicar sua existência. Pode ser difícil fazê-lo concluir, pois há sempre mais e mais acontecimentos, mais e mais detalhes, mais e mais reflexões que o pesquisador vai captando.

Vê-se, portanto, que estabelecer diferenças entre histórias de vida e depoimentos pessoais não constitui exagero de pesquisador demasiadamente escrupuloso. A escolha de uma ou outra técnica não pressupõe apenas diferenças na maneira de aplicá-las, mas inclusive, e sobretudo, diferença nas preocupações do pesquisador com relação aos dados que pretende obter. Noutras palavras, as diferenças recaem sobre o tipo de pesquisa que se quer realizar, pesquisa esta que, na sua especificidade, deverá requerer a aplicação da história de vida, ou a coleta por meio de depoimentos.

Dois exemplos podem esclarecer estas divergências. Quando se buscou conhecer como se desenrolava a existência cotidiana de indivíduos de baixa renda, na cidade de S. Paulo, durante as décadas de 20 e 30, a técnica escolhida foi a das histórias de vida de indivíduos que tivessem sido adolescentes ou jovens naquele período; e, como se tratava de histórias de vida, não foram elas limitadas no tempo, mas, nas idas e vindas do narrador, chegaram sempre até os dias de hoje. No entanto, justamente porque se tratava de velhos, às vezes mesmo anciãos de muita idade, a atenção deles naturalmente se voltou para infância e mocidade, trazendo ao pesquisador aquilo que estava buscando.⁵ No entanto, ao se estudar o carnaval da cidade de S. Paulo, tal como se realizara em variadas épocas até 30/40, através de entrevistas com velhos foliões, a técnica escolhida foi a dos depoimentos. Tratava-se de conhecer não a seqüência da vida dos mesmos, porém as formas que havia tomado o folguedo no decorrer do tempo: para tanto,urgia conhecer também o que havia sido contado por pais e avós, além de saber como todos se divertiam durante as folias de Momo. Um aspecto era mesmo essencial: quais os grupos e atividades participantes, a que camadas sociais pertenciam, quem eram os líderes na organização da festa. Não era possível deixar a iniciativa do diálogo aos informantes; cabia ao pesquisador orientá-lo de modo a colher a maior quantidade possível de material.⁶ O pesquisador guiava, pois, a narrativa do informante. Como se verifica, na história de vida o colóquio é conduzido pelo narrador, que detém a condução do relato, enquanto nos depoimentos é o pesquisador que abertamente o dirige.

Embora na história de vida o pesquisador se abstenha de intervir e a maneira de se realizar caiba ao narrador, na verdade o pesquisador foi quem escolheu o tema da pesquisa, formulou as questões que deseja esclarecer, propôs os problemas. O comando é dele, muito embora procure não intervir durante a narração; não impõe, portanto, os temas ao informante, que os abordará ou não, a seu crité-

rio. No caso da pesquisa para esclarecer o cotidiano paulistano de pessoas de baixa renda entre 1920 e 1937, uma das questões que o pesquisador tinha em mente era saber como os informantes haviam vivenciado ocorrências como as revoluções de 1924, 1930, 1932. Todavia, se o informante nada dizia a respeito, também nada perguntava o pesquisador, não tentando "avivar a memória" de seu interlocutor. Ao contrário, a "falha da memória", encontrada em vários casos, podia ser reveladora da forma de participação desta parcela de população em tais acontecimentos. Verificar também se a "falha" ocorria mais nos relatos femininos, e muito menos nos masculinos, também era algo que não podia ser desprezado.

Além de distinguir histórias de vida e depoimentos pessoais, é preciso ainda destacar a diferença para com autobiografias e biografias. Narrar sua própria existência consiste numa autobiografia, e toda história de vida poderia, a rigor, ser enquadrada nesta categoria tomada em sentido lato. Mas no sentido restrito a autobiografia existe sem nenhum pesquisador, e é essa sua forma específica. É o narrador que, sozinho, manipula os meios de registro, quer seja a escrita, quer o gravador. Foi ele também que, por motivos estritamente pessoais, se dispôs a narrar sua existência, fixar suas recordações; deu-lhes o encaminhamento que melhor lhe pareceu e, se utilizou o gravador, não raro ele mesmo efetua em seguida a transcrição, ou pelo menos a corrige. Na autobiografia não existe, ou se reduz ao mínimo, a intermediação de um pesquisador; o narrador se dirige diretamente ao público, e a única intermediação está no registro escrito, quer se destine ou não o texto à publicação.

A biografia, por sua vez, é a história de um indivíduo redigida por outro. Existe aqui a dupla intermediação que a aproxima da história de vida, consubstanciada na presença do pesquisador e no relato escrito que sucede às entrevistas. O objetivo do pesquisador é desvendar a vida particular daquele que está entrevistando ou cujos documentos está estudando, mesmo que neste estudo atinja a sociedade em que vive o biografado, o intuito é, através dela, explicar os comportamentos e as fases da existência individual. A finalidade é sempre um personagem, isto é, uma pessoa encarada em suas ações e em suas qualidades, naquilo que faz e diz através do tempo, em variadas situações e circunstâncias. Busca-se conhecê-lo através da sucessão de suas condutas e segundo dois princípios fundamentais, que orientam tanto as entrevistas quanto o relato posterior: o personagem sempre se revela em seus comportamentos que compõem um todo integrado, de tal maneira que este todo não poderia ser dividido sem se

encontrar imediatamente destruído; o personagem é um indivíduo especial e particular, diferente de todos os outros, dos quais se destaca.

Uma vez que estas são as características de um personagem, a finalidade de um biógrafo, ao escrever-lhe a história, é oposta à de um pesquisador ao utilizar a técnica de histórias de vida. O primeiro fará ressaltar em seu trabalho os aspectos marcantes e inconfundíveis do indivíduo cuja existência decidiu revelar ao público. O segundo busca, com as histórias de vida, atingir a coletividade de que seu informante faz parte, e o encara, pois, como mero representante da mesma através do qual se revelam os traços desta. Mesmo que o cientista social registre somente uma história de vida, seu objetivo é captar o grupo, a sociedade de que ela é parte; busca encontrar a coletividade a partir do indivíduo. O biógrafo, mesmo que retrate a sociedade de que seu personagem participa, o faz com o intuito de compreender melhor a existência do biografado.

Uma segunda diferença, agora na maneira de serem utilizadas biografias e histórias de vida, se depreende aqui também. Justamente porque se trata de um indivíduo considerado em sua integralidade, a biografia não pode ser decomposta em elementos ou utilizada em fragmentos, sob pena de se perder completamente o sentido de que se procurava: o desenvolvimento da personalidade, isto é, do "eu" único e permanente que, embora evoluindo através do tempo, mantém certa linha constante que o distingue dos demais. É este o caso da biografia, mas também da utilização da história de vida pela psicologia, mesmo quando trata das relações entre um indivíduo e sua sociedade. Por isso, quando apenas parte dela é utilizada, pode induzir a graves falhas na análise e na compreensão do que se quer estudar.

Esta exigência não tem razão de ser quando se trata de um estudo sociológico ou antropológico. Neste caso, o aproveitamento da biografia ou da autobiografia se faz no sentido de buscar como estão ali operantes as relações do indivíduo com seu grupo, com sua sociedade. Não se trata de considerá-lo isoladamente, nem de compreendê-lo em sua unicidade; o que se quer é captar, através de seus comportamentos, o que se passa no interior das coletividades de que participa. O indivíduo não é mais o "único"; ele agora é uma pessoa indeterminada, que nem mesmo é necessário nomear, é somente unidade dentro da coletividade. Todavia, em seu anonimato, contém o indivíduo num microcosmo as configurações que sua coletividade abarca, ao ordenar umas em relação às outras unidades, de que se compõem o grupo. O recorte do material não somente se torna viá-

vel, agora, como até mesmo imperioso, pois são facetas do mesmo que serão utilizadas.

Embora colhidas com finalidades muito diferentes, autobiografias e biografias são perfeitamente utilizáveis pelos cientistas sociais como material de análise. Ambas, principalmente se bem feitas, podem constituir excelentes repositórios de dados que, no entanto, devem ser verificados e completados por informações de outras fontes. Pode-se dizer que autobiografias e biografias, desse ponto de vista, estão em convergência com histórias de vida e depoimentos pessoais para o esclarecimento de um dado ou de um momento histórico; porém não se confundem com estes. Também devem ser manuseadas com muito cuidado. Justamente por se tratar da análise de uma personalidade, não raro encarecerão o que é peculiar ao indivíduo estudado. Ora, o que o sociólogo trabalha vai na direção do que é coletivo, isto é, do que é geral, não se detendo nos particularismos. Sua direção é oposta à dos biógrafos e dos psicólogos.

Histórias de vida: características

Quando John Dollard examinou os critérios que tornariam aceitáveis as histórias de vida como fornecedoras de dados para o sociólogo, tropeçou justamente com o problema de estar lidando com o desenvolvimento de um indivíduo dentro de determinada sociedade e portanto, de estar abarcando o comportamento deste, e não diretamente os dados sobre a coletividade em foco. E quando, no período em que publicou seu livro, outros cientistas sociais cogitaram do aproveitamento deste tipo de material, assim como dos depoimentos orais, pareceu a muitos deles que a interferência da subjetividade do narrador falseava de maneira perniciosa as entrevistas. Franz Boas, porém, colhendo os relatos de anciãos das tribos norte-americanas, não se deixou deter por este aspecto. Tencionava reconstruir, através do que reunia, a organização deliquesciente dos grupos a fim de compreendê-los. O que lhe chamou a atenção foi a relativa independência de certos fatos culturais, que os fazia persistir mesmo quando desorganizado o grupo em que haviam previamente existido. Descobria assim a condição *sine qua non* para que a história de vida e os relatos orais sobre o passado pudessem ser utilizados: comportamentos e valores são encontrados na memória dos mais velhos, mesmo quando estes não vivem mais na organização de que haviam participado no passado, e assim se pode conhecer parte do que existira anteriormente e se esmaecera nos embates do tempo. Resiliente, se a memória de deter-

minados valores e comportamentos se desfizesse com o desaparecimento das organizações sociais, então seria impossível a utilização dos relatos orais em geral, e das histórias de vida em particular, na análise de coletividades e sociedades.

Muito antes de Dollard e de Boas, os sociólogos Thomas (americano) e Znaniecki (polonês) haviam utilizado história de vida em seu célebre trabalho sobre os camponeses poloneses que permaneciam em sua pátria e os que haviam emigrado para os Estados Unidos. Porém, as preocupações de Dollard não haviam constituído dificuldades para ambos, que consideraram, ao contrário, a história de vida como excelente técnica de coleta de material. Chamaram a atenção, todavia, para o fato de não poder ela ser utilizada sozinha numa pesquisa, pois não fornece base empírica suficiente para se levantar inferências; deve, portanto, ser sempre completada por material coletado de outra maneira. De fato, estes autores trabalharam com grande cópia de documentos escritos, como por exemplo a correspondência entre os imigrantes e seus parentes que haviam permanecido na Polônia.⁷

A constatação destes dois cientistas sociais, proveniente da experiência que realizaram, chama a atenção para um aspecto que foi em seguida retomado por muitos outros pesquisadores: o da necessidade de uma complementação proveniente de outras fontes. A justificativa deles era de que nunca se poderia obter grandes quantidades de histórias de vida suficientes para dar embasamento empírico satisfatório e amplo que permitisse chegar a conclusões. Na verdade, todo registro de uma história de vida, mesmo quando hoje é feito por intermédio do gravador, desliga-a do contexto em que se deu a entrevista; e esta falha é mais grave se a entrevista teve lugar fora dos lugares em que o informante habita ou trabalha. De fato, nem a escrita do pesquisador, nem o gravador registram o local onde se passa o colóquio, ou o local onde o informante habita, amputando o material de uma preciosa *mêsse* que pode encerrar detalhes primordiais. A falha é muito mais importante na coleta de histórias de vida do que nos depoimentos orais; a focalização destes sobre determinado ponto, sua concentração sobre um dado preciso, excluem a utilização de elementos circundantes, que, pelo contrário, seriam esclarecedores no caso de histórias de vida, como comprovantes, ou como demonstradores de contradições.

Na verdade, é específico das ciências sociais necessitar sempre o pesquisador de dados colhidos de fontes as mais variadas, quando quer abarcar de forma ampla a realidade que estuda. A unanimidade

a esse respeito tem sido constante; ⁸ mesmo aqueles que se manifestaram de modo muito entusiástico a respeito das histórias de vida reconheceram que a utilização somente delas resultava em trabalhos limitados. A maior dificuldade estava em que a coleta de uma história de vida é de duração longa; as entrevistas não podem ultrapassar certo lapso de tempo porque são cansativas, devendo ser empregadas com intervalos. Para os idosos, a quantidade de colóquios deve ser grande quando se revelam bons informantes, a fim de se coletar o maior número possível de informes. Este alongamento no tempo é acrescido por uma transcrição (que consome horas e horas, sendo trabalhosa e aborrecida), assim como por uma análise forçosamente demorada. Desta forma, é muito difícil conseguir muitas histórias de vida que forneçam base empírica suficientemente larga para se chegar a algum grau de certeza, a não ser por meio de uma pesquisa que demore vários anos. O meio de se fugir a este obstáculo estava em juntar à técnica em pauta uma coleta de dados utilizando outros procedimentos.

Mesmo a utilização de depoimentos orais, cuja obtenção é mais breve, aponta para dificuldades inerentes à própria natureza do informe. Nunca é demais lembrar o belo trabalho de Germaine Tillion sobre os campos de concentração nazista em que esteve detida durante a 2.ª Grande Guerra, e que teve como uma das fontes de dados, além da vivência da autora, uma larga coleta de depoimentos orais.⁹ Seu intuito era desvendar o destino dado a prisioneiras que periodicamente eram retiradas do campo. Verificou que os depoimentos e que sua própria recordação do que fora vivenciado se orientavam em direções diferentes e não raro contraditórias. Resultavam do fato de que, individualmente, haviam os informantes captado somente uma parcela da realidade de Ravensbrück, e a narrativa de cada acontecimento era diversa ou conforme cada indivíduo se encontrasse numa ou noutra situação, ou de acordo com a sensibilidade e a experiência passada de cada um. Verificou assim a autora a impossibilidade de basear sua análise — que desejava sociológica — simplesmente nos relatos de seus companheiros e em sua experiência pessoal. Organizou então uma coleta de dados muito mais ampla, a fim de que da complementação e do cotejo entre eles, se reformulasse uma imagem do campo de concentração cuja confiabilidade fosse muito maior do que a que resultava dos depoimentos.

Há que se observar, no entanto, que a necessidade de se acrescentar outras fontes às histórias de vida não invalida a possibilidade de utilização de uma única dentre elas, para o conhecimento de pro-

memas de uma coletividade. É certo que toda pesquisa sociológica, quer utilize técnicas como a história de vida, quer outras técnicas diversas (inclusive e principalmente as quantitativas), ganha novas dimensões, maior profundidade, maior envergadura, desde que acompanhadas e complementadas por outras maneiras de coleta. Porém, uma única história de vida, desacompanhada de captações complementares de material, desde que convenientemente analisada, pode ser da maior importância para a definição de problemas de uma coletividade, principalmente se o pesquisador não conhece bem a esta; e, caso já possua uma visão da mesma e dados em quantidade apreciável, serve ela para um refinamento das observações e das inferências, assim como para um controle. Certamente uma só história de vida não esgotará todos os aspectos e nem todas as interpretações dos fenômenos que se pretende esclarecer mas sempre levanta relevante série de questões acerca das quais não se havia cogitado ainda, ou fornece novas perspectivas a respeito do que já se conhecia. Histórias de vida de indivíduos de camadas sociais diversas a respeito de um mesmo momento ou acontecimento são, por exemplo, preciosas como fontes de dados e controle.

O levantamento da história de vida tem sido ora remetido para o início da pesquisa, a fim de se formularem questões pertinentes cuja investigação seria efetuada por meio de emprego de outras técnicas ora é empregado como elemento de controle para certos resultados obtidos através de outros procedimentos. Num e noutro caso, chega-se por meio dela aos valores inerentes aos sistemas sociais em que vivem os informantes, que dados como os estatísticos certamente não fornecem. No entanto, uma vez captada e analisada uma história de vida, apresenta ela informações cuja amplitude pode ser em seguida pesquisada por meio de amostragem estatística e utilização de questionários.

A diversidade de modos de emprego das histórias de vida e dos depoimentos orais mostra a riqueza dos dados que captam e a este respeito, atualmente, mais ou menos todos os cientistas sociais são concordes. Não se nega mais também, que mesmo uma única história de vida possa ser objeto de um estudo sociológico aprofundado e frutífero. Todo fenômeno social é total, dizia Marcel Mauss nas décadas de 20. O indivíduo é também um fenômeno social. Aspectos importantes de sua sociedade e do seu grupo, comportamentos e técnicas, valores e ideologias podem ser apanhados através de sua história.

Na verdade, tudo quanto recolhe o cientista social se compõe de histórias, ou de parte de histórias de indivíduos, ou pode nelas ser transformado. No entanto, encontrar histórias de vida a partir de material colhido em pesquisa não pode ser confundido com a técnica empregada para registrar a realidade, isto é, com modos de agir peculiares à coleta de material. De quase todos os documentos podem ser extraídas histórias de vida; mas isto não quer dizer que o cientista social esteja a todo o momento utilizando a técnica das histórias de vida.

Técnica é procedimento ou conjunto de procedimentos, de modos de fazer bem definidos e transmissíveis, destinados a alcançar determinados objetivos; como todo procedimento, é ação específica, sistemática e consciente, obedecendo a determinadas normas e visando determinado fim; é conservada e repetida se sua eficiência for comprovada pelos resultados obtidos. Toda técnica é mecanismo de captação do real, em sociologia, e não pode ser confundida com o material reunido, isto é, com os dados. A captação de dados nas ciências sociais pode servir para a construção de biografias porém, não é esse o trabalho do pesquisador. A atividade que este desenvolve no tempo e no espaço se destina a resolver questões propostas por relações existentes no interior de coletividades. Para ele, o levantamento de dados é o primeiro momento de um processo que se desenrola em várias fases, isto é, de modificações em seqüência, se escalonando a partir do projeto de trabalho, passando pela coleta do material, pela sua análise, até chegar ao término com o relatório final ou a publicação do livro. A coleta do material através de histórias de vida limita-se a um momento específico da pesquisa e não perdura pela totalidade da realização desta, nem é representativa da totalidade da mesma.

O material levantado é, por sua vez, um conjunto de informações reunidas de acordo com um ponto de vista e um sistema — conjunto empírico que deve, em seguida, ser trabalhado por outros procedimentos como a descrição, a análise, o levantamento de inferências, a compreensão, a explicação, os quais se sucedem como fases diferentes e inconfundíveis. O material uma vez recolhido permanece igual a si mesmo no tempo e no espaço, desde que conservado com o devido cuidado. Ao correr dos anos, encerrará sempre as mesmas informações, servindo para outras pesquisas que levarão a confirmações ou a novos conhecimentos e comprovações. Fruto de procedimentos do pesquisador, não pode ser confundido com as técnicas utilizadas para a coleta, e nem com qualquer momento da pesquisa. A técnica, como se vê, nada mais é que a ferramenta destinada a desencavar o dado.

...na coleta de dados, é pois, um instrumento, não é nem coleta, nem produto final da pesquisa; ela recolhe um material bruto que necessita ser analisado. Porém, o material bruto, uma vez registrado, permanece inerte e imutável através do tempo, tendo as mesmas características de persistência e identidade que possui qualquer outro documento e, como estes, durando através das idades desde que convenientemente armazenado.

O início da utilização das histórias de vida como técnica de coleta em regiões diferentes mostrou convergências interessantes. Nos Estados Unidos, o desaparecimento de tribos indígenas levou ao emprego de variadas formas de história oral, com o objetivo de se conservar pelo menos a lembrança de sua organização e costumes. Na Europa, e principalmente na França, a transformação do estilo de vida dos camponeses a partir de fins do séc. XIX fomentou também a coleta de relatos orais, de depoimentos pessoais, de histórias de vida, visando registrar as maneiras de agir e de pensar existentes numa organização social que se apagava. A quase inexistência de documentos escritos, assim como de outras formas de conservação de informações, determinou o desenvolvimento de técnicas que permitissem o armazenamento de dados do passado e também de costumes que, ainda existentes, iam pouco a pouco caindo em desuso.

Em muitas regiões da França, por exemplo, viveram os camponeses, até a década de 20, em estruturas socio-econômicas e culturais que persistiam havia longo tempo. Continuavam muito importantes os liames do parentesco, as alianças matrimoniais tradicionais; valorizava-se a experiência dos mais velhos, sempre respeitados; na infraestrutura material do cotidiano inexisteram água corrente, luz elétrica, estradas asfaltadas; e apesar da leitura e da escrita se terem difundido desde a segunda metade do séc. XIX, a transmissão de conhecimentos por via oral e pela experiência direta continuava de grande relevância, sob a orientação dos mais velhos que detinham o saber prático referente às atividades agrícolas e aos ofícios.

A reformulação da infra-estrutura material, a expansão dos meios de comunicação, determinaram a utilização crescente da escrita como veículo de registro e transmissão de conhecimentos; os livros foram substituindo cada vez mais os ensinamentos dos velhos. A transmissão oral perdeu paulatinamente importância; com ela decaiu a influência dos idosos, cujos conhecimentos não eram mais tão adequados ao novo contexto sócio-econômico que emanava das grandes aglomerações urbanas. Na antiga sociedade camponesa, continuidade e preser-

vação haviam constituído valores muito importantes para a orientação dos comportamentos; na sociedade que agora desportava, a atenção de adultos e jovens focalizava modificações e transformações como atributos fundamentais de uma vida que se queria moderna.

O desaparecimento de sistemas e valores que acompanhavam a estrutura de uma sociedade "tradicional", a anulação da própria lembrança deles, parecia iminente. Os anciãos seriam as últimas testemunhas ainda existentes de um estilo de vida que se desfazia, e esta constatação levou cientistas sociais franceses a se interessarem pela história oral em todas as suas formas. Da década de 50 em diante, foram elas complementadas por filmes, por audiovisuais, por video-cassetes. Tratava-se de resguardar falas, opiniões, aspecto físico, gestos dos idosos, além dos discursos, pois também constituíam algo do passado. A organização de arquivos e museus foi muitas vezes paralela à utilização destas técnicas, que armazenavam documentos sobre os antigos modos de vida.

No entanto, para as ciências sociais, o importante não é nem armazenar documentação, nem reconstituir antigas sociedades ou épocas, mas atingir um problema de estrutura social por meio de mecânicas específicas de coleta de dados. Thomas e Znaniecki, dos primeiros a utilizar histórias de vida, pretendiam esclarecer questões ligadas à integração de imigrantes europeus e de outras proveniências, que a partir de meados do séc. XIX passaram a chegar em grande quantidade aos Estados Unidos. Procuravam, por meio da história oral, conhecer as mudanças ocasionadas na sociedade de chegada e nas próprias sociedades de origem decorrentes da partida dos que migravam. Tratava-se de um problema contemporâneo e não mais de uma tentativa de recuperação do passado.

Mais tarde, também Oscar Lewis se preocupou em conhecer as relações familiares de indivíduos de baixa renda no México, sobre os quais ou escasseavam ou inexisteram dados. O simples arquivamento do material, nestes casos, passa a constituir um derivado interessante, porém o objetivo principal é outro. Para esclarecer a questão escolhida pelo pesquisador não é necessário recorrer a pessoas idosas; torna-se primordial destacar informantes cujos relatos cubram o campo investigado. Em se tratando de Oscar Lewis, foi imprescindível entrevistar também jovens, para se perceber, no interior da família, como se estabeleciam as relações entre diversas faixas de idade. Conhecer o relacionamento no interior da constelação familiar se tornava possível através das narrativas de pais, de filhos, de parentes que com eles convivessem.

Todavia, enquanto Thomas e Znaniecki utilizaram os relatos orais como documentos iguais a quaisquer outros, Oscar Lewis ficou de tal modo fascinado pela riqueza das histórias de vida que julgou não necessitar o sociólogo de análises e inferências; bastava que tomasse conhecimento do material empírico em seu estado "natural". Não desenvolveu, pois, um estudo, mas quis levar de maneira direta aos interessados o conhecimento de seus dados, realizando tão somente a transcrição das fitas gravadas; efetuou, isso sim, uma limpeza e ordenação dos relatos para compreensão mais fácil e amena por parte do leitor. E quase transformou seu material em literatura...

O respeito à integridade das histórias de vida não foi somente praticado por Oscar Lewis; vários pesquisadores também hesitaram em aproveitar partes do material colhido, como se o desvirtuassem se não o conservassem em sua inteireza; apresentaram portanto a história ou as histórias colhidas, tanto quanto possível, em sua totalidade. Não se davam conta de que relato escrito ou fita gravada constituem registro semelhante a qualquer outro dos habitualmente analisados. Se não se furtavam a utilizar destacadamente umas das outras, as respostas a um questionário, não havia razão para não recortarem, das histórias de vida, as passagens que diziam diretamente respeito ao que estavam estudando. Tal utilização não implicava em mutilações do material; relato escrito ou fita gravada, permaneciam intactos para serem empregados por outros pesquisadores. Desde que a história de vida ou os relatos orais não tinham sido colhidos meramente para serem arquivados, urgia analisar os dados neles encontrados, escolhendo-os na massa bruta do material coletado. A massa bruta completa ficaria arquivada, à disposição de outros cientistas para novas pesquisas, em absoluto não se perderia. Utilizada como instrumento de coleta de dados em ciências sociais, a história de vida deve forçosamente ser analisada e, portanto, fragmentada.

Histórias de vida na pesquisa brasileira

No Brasil, a técnica de histórias de vida, depois de breve aparecimento em fins dos anos 40 e início da década de 50 ¹⁰ permaneceu ignorada. No entanto, as características gerais da sociedade brasileira e principalmente a rapidez de suas transformações, deveriam ter levado mais cedo os pesquisadores à utilização desta técnica. ¹¹ Sua eclipse durante tanto tempo deveu-se à espécie de encantamento pelas técnicas estatísticas de amostragem com o emprego de questionários. Aos olhos dos cientistas sociais, as histórias de vida e, de um modo

geral, o relato oral, se apresentavam "cheios de subjetividade", tanto do narrador quanto do pesquisador, constituindo assim instrumento que não raro levaria a desvios de observação e a interpretações errôneas.

A revalorização da história oral ocorrida recentemente na Europa despertou o interesse dos cientistas nacionais. Primeiramente foi a história oral que ressurgiu, suscitando iniciativas traduzidas na fundação dos Museus da Imagem e do Som, e também de grandes arquivos que armazenassem entrevistas com personalidades políticas famosas. Nestes repositórios se encerra a "memória" de algo que se perderia com o desaparecimento de pessoas mais velhas, num país em que sempre se deplorou a falta de documentação para estudo. ¹²

Além disso, o ritmo extraordinariamente rápido de mudanças na sociedade brasileira devia forçosamente contribuir para a difusão da técnica. Quando se dá conta, por exemplo, de que em 1950 o meio rural era habitado por 70% da população e de que em 1980, num período de 30 anos, as proporções se invertem inteiramente, os habitantes do meio urbano passando então a 70%, compreende-se que a conservação do que "foi" adquiriria importância aos olhos dos estudiosos. Recolher a maior quantidade possível de testemunhos sobre formas de vida para as quais não existam senão poucos registros: saber como agiam os "silenciosos", aqueles que pouco aparecem na documentação escrita, isto é, as camadas de baixa renda: saber como encaram sua existência diante das modificações velozes em curso, constituiu uma larga abertura para a utilização de relatos orais e de histórias de vida.

Porém, desse ponto de vista, não se tratava senão de armazenar a memória. A verdadeira utilização das histórias de vida como técnica específica de pesquisa neste país, não fez seu reaparecimento nem na sociologia, nem na antropologia, e sim na psicologia social. A finalidade foi o esclarecimento de problemas da memória enquanto atributo humano estreitamente dependente da vida social e por esta alimentada. ¹³ O trabalho pioneiro se desenvolveu em S. Paulo, cidade cujo crescimento acelerado e transformações radicais constituem grandes provocações para se inquirir o que sucede com os processos de conservação das lembranças. Somente em seguida a esta primeira aplicação da técnica, foi ela estendida a investigações sobre aspectos propriamente sociais para os quais não se possuía farta documentação, fosse em camadas sociais inferiores, fosse em determinados grupos étnicos, fosse em certas categorias profissionais, ¹⁴ tanto no meio urbano quanto no meio rural.

Nestes casos, é agora a sociologia que está em jogo. Os mecanismos da memória, sua ligação com a base biológica e com o contexto sócio-econômico em que se dão as experiências individuais, não constituem para ela questões fundamentais. A organização de arquivos, a constituição de acervos de documentação, o armazenamento de dados, também por si sós não se colocam diretamente como meta a ser alcançada. O que se busca é o esclarecimento de relações coletivas entre indivíduos num grupo, numa camada social, num contexto profissional, noutras épocas e também agora.

Nenhuma sociedade é um todo monolítico; em seu interior coexistem grupos e camadas sociais de diversos tipos, divisões por sexo e idade, coletividades variadas. Histórias de vida de indivíduos com posições diferentes dentro de um grupo, quer sejam membros da mesma família (como já colheira Oscar Lewis), quer se trate de homens e mulheres, quer diga respeito ao contraste entre os mais velhos e os mais jovens, servem para dirimir dúvidas e aprofundar conhecimentos. E estas investigações transbordam das camadas inferiores para todas as demais, uma vez que em todas elas os mesmos problemas se colocam de descobrir relações ignoradas.

No meio rural, por exemplo, as mudanças extremamente rápidas ocorridas em S. Paulo atingem indivíduos de todas as camadas sociais; no entanto as pesquisas utilizem ou não histórias de vida, têm-se voltado quase que somente para as camadas inferiores. Não se atenta para que, ainda há poucos anos, havia também, habitando em suas propriedades, grandes e médios proprietários, e desconhece-se como vivenciaram a transformação que se operou em suas existências com sua implantação nas cidades.¹⁵ Além deles, toda uma gama de indivíduos citadinos está ligada aos habitantes do meio rural, não por auferirem diretamente do solo seu sustento, porém para servirem aos moradores urbanos: funcionários públicos (professores primários, tabeliães, delegados, etc.), gente do setor terciário (pequenos e médios comerciantes, pequenos industriais, artesãos, etc.). Como vivem eles as reviravoltas havidas com o êxodo dos campos e com as mudanças de relações de trabalho ali acontecidas? O esvaziamento do meio rural tem determinado também o esvaziamento das cidades dependentes — aspecto do problema que permanece ignorado e praticamente não estudado.

Constituem as histórias de vida, nestes casos, excelentes técnicas para se efetuar um primeiro levantamento de questões, pois ainda faltam dados a respeito destas; revelam o cotidiano, o tipo de relacionamento entre os indivíduos, as opiniões e valores e, através dos

dados assim obtidos, é possível construir um primeiro diagnóstico dos processos em curso. Alcança-se então uma visão do que ocorre, cuja extensão seria a seguir, numa outra pesquisa, investigada por meio de técnicas estatísticas de amostragem, por exemplo. Vive-se hoje um momento privilegiado para se captar, por meio de história oral, e mais particularmente por intermédio de histórias de vida ou de depoimentos pessoais, a maneira pela qual diferentes camadas sociais, diferentes grupos, homens e mulheres, várias faixas de idade estão experimentando as mudanças que ocorrem, segundo que valores as estão encarando, quais as normas que aceitam para seus comportamentos e quais as que rejeitam.

Uma técnica qualitativa como a das histórias de vida pode coexistir tranquilamente com técnicas quantitativas como a da amostragem, desde que cada uma delas seja aplicada a um momento específico da pesquisa. A técnica de história de vida é, em geral, muito útil para um primeiro levantamento de questões e de problemas, ao se notar a inexistência de conhecimentos a respeito. Também é de maior utilidade como meio de verificação e de controle do que já foi colhido por outros meios. A técnica quantitativa, seja a da amostragem ou outra, serve principalmente para se conhecer a intensidade de um fenômeno, o quanto se espraia por um grupo ou camada, como atinge grupos e camadas diferentes. Os dois conjuntos de técnicas não são opostos ou mutuamente exclusivos; são procedimentos a serem empregados em determinados tipos de pesquisa, ou em determinados momentos da mesma.¹⁶ Não tem sentido, nas ciências sociais, se tomar partido por este ou aquele procedimento, tanto mais que a obtenção de dados de fontes variadas, que enriquece uma pesquisa, determina a necessidade de se utilizarem técnicas também variadas. A querela é vã: o importante é saber escolher a técnica adequada ao tipo de problema, à especificidade do dado e ao momento preciso da investigação.

Histórias de vida: do individual ao coletivo

A história de vida é contada por um personagem e gira em torno deste. À primeira vista, dir-se-ia que é algo eminentemente individual, sofrendo as distorções trazidas pela subjetividade do narrador. Esta colocação tem sua razão de ser; no relato de uma história de vida, o pesquisador colhe dados que indicam como se formou a personalidade de um indivíduo, através de seqüências de experiências no decorrer do tempo. "Indivíduo" significa alguém que se tomou isola-

damente, extraindo-o do interior de uma coletividade para considerá-lo em si mesmo, naquilo que o distingue dos demais. Quando se estuda a personalidade do indivíduo, admite-se que os predicados encontrados são exclusivamente seus e não ocorrem em nenhum outro, por mais semelhante que possa ser; isto é, tanto sua constituição quanto suas qualidades o marcam como único, o distinguem dos demais de seu grupo, de sua sociedade. Indivíduo e personalidade seriam noções que recobririam aquilo que existe de mais íntimo e de mais inconfundível em alguém.

Se o indivíduo obedecesse a determinações exclusivamente suas e inconfundíveis, então realmente as histórias de vida seriam impróprias para uma análise sociológica.¹⁷ No entanto, o que existe de individual e único numa pessoa é excedido, em todos os seus aspectos, por uma infinidade de influências que nela se cruzam e às quais não pode por nenhum meio escapar, de ações que sobre ela se exercem que lhe são inteiramente exteriores. Tudo isto constitui o meio em que vive e pelo qual é moldada; finalmente, sua personalidade, aparentemente tão peculiar, é o resultado da interação entre suas especificidades, todo o seu ambiente, todas as coletividades em que se insere. Não é novidade alguma afirmar que o indivíduo cresce num meio sócio-cultural e está profundamente marcado por ele. Sua história de vida se encontra, pois, a cavaleiro de duas perspectivas: a do indivíduo com sua herança biológica e suas peculiaridades, a de sua sociedade com sua organização e seus valores específicos. A história de vida, em resumo, se encontra apoiada em duas disciplinas, a psicologia e a sociologia.

A história de vida é portanto técnica que capta o que sucede na encruzilhada da vida individual com o social. Conforme seja a pesquisa desenvolvida por um sociólogo ou por um psicólogo, assim a orientação da coleta de dados levará uma ou outra acentuação. No primeiro caso, serão procuradas no informante as marcas de seu grupo étnico, de sua camada social, de sua sociedade global — vários níveis que apresentam estruturas, hierarquias, valores ora harmoniosos, ora em desacordo, o que tudo se reflete no seu interior. No segundo caso, são buscadas as particularidades que singularizam o indivíduo, delinea-se o caminho seguido na formação de sua personalidade através do emaranhado das relações variadas tecidas pela sua coletividade, e é o produto final, considerado como único, que se quer compreender e explicar.

Sociólogo e psicólogo poderão utilizar uma história de vida que tenha sido colhida por um deles. O material é válido para ambos os

estudiosos, justamente por se encontrar no cruzamento das duas disciplinas a que se voltaram. Diante do material colhido pelo psicólogo, o sociólogo naturalmente se queixará de falhas; e vice-versa. Mas as lamentações não invalidam a utilização do material pelos dois. No entanto, embora muitos cientistas sociais tenham alertado para as limitações da técnica em sociologia, considerando até que seu emprego deveria ser evitado, na verdade ela foi se apresentando como cada vez mais relevante para esta ciência, justamente em função da área cada vez maior que foi a sociologia abarcando no correr do tempo.¹⁸

No século atual a sociologia, apoderando-se da psique também como seu campo de estudos, estendeu seu âmbito até os sonhos, durante muito tempo considerados algo de exclusivamente pessoal; encarou-os como representações simbólicas do relacionamento do indivíduo com seus semelhantes e com sua sociedade. Englobou em seguida em seus estudos, o inconsciente, vendo-o como o repositório das agressões e das opressões do meio social, e portanto material revelador para a análise de controles e coerções. Finalmente foi se orientando também para a subjetividade, isto é, para a faixa interior que parecia mais próxima do biológico porque carregada de afetividade, implicando por isso mesmo num caráter marcadamente individual. Com efeito, "subjetivo" significou primeiramente aquilo que pertence a um indivíduo e somente aquele, distinguindo-o dos demais: negava-se assim que a forma tomada pelas manifestações dele pudesse ser igualada pela dos demais. Nesta caracterização se consubstanciaria a oposição entre subjetivo e objetivo: este último encerrava características válidas para todos os indivíduos porque exterior a eles, enquanto o primeiro permaneceria encerrado no íntimo do indivíduo, formado pelas qualidades que lhe seriam exclusivamente peculiares. No julgamento subjetivo de um indivíduo estariam as marcas de suas impressões, de seus gostos, seus hábitos, seus desejos e aspirações, única e fundamentalmente seus, inconfundíveis com os dos demais.

Apesar de todas estas definições, no entanto, a sociologia atualmente se orientou também para o subjetivismo, considerando que ele não decorre exclusivamente de bases biológicas e psicológicas, porém que se desenvolve numa coletividade, sendo portanto revelador desta. O subjetivismo deixa assim de ser, para esta disciplina, a marca individual intraduzível e inexplicável, cujo vislumbre de alguma interpretação só poderia ser captado através da biologia e da psicologia; a sociologia também tem sua palavra a dizer a respeito desses problemas, que podem ser objeto de seu estudo. Tanto mais que as mani-

atos do subjetivismo respondem sempre a algo que é exterior aos indivíduos.

Necessidades físicas, inclinações, paixões, prazer e dor, significam reações da parte do indivíduo a algo que captou a partir do exterior, e que só adquirem significado através da mediação do exterior; conforme a sensibilidade dele, serão mais ou menos intensas, desencadearão ou não ações de variado tipo. Uma vez existindo a mediação exterior (e a palavra é uma delas, provavelmente a mais importante) para que se expresse o puramente individual, este fica já comprometido com o exterior, sempre mergulhado numa atmosfera plenamente coletiva. Mesmo que se trate de sensações térmicas, respiratórias, circulatórias, isto é, do conjunto de sensações internas de que trata a cenestesia — sensações que parecem independêr até da intermediação dos sentidos para serem percebidas — ainda assim sua apreensão pelo indivíduo forçosamente passa pela conscientização (ou pelo menos pela tentativa de conscientização) através da palavra; o que significa através de um instrumento forjado pela realidade social. Não escapa, portanto, de se tornar em parte, também, objeto de estudo sociológico.

Assim, ainda quando o subjetivo seja entendido como as sensações inefáveis provenientes dos órgãos internos, da circulação, da nutrição celular, etc., constituindo um estado psíquico proveniente da ação interna deles e resultando em confusas impressões internas, e desde que se admita que estas sensações podem chegar ao estado de percepção, neste momento sua formulação se opera por meio de manifestações que deixam de ser puramente subjetivas; pois as sensações confusas provenientes de todas as partes do corpo estão sendo constantemente transmitidas aos sentidos e, ao se transformarem em percepções, sofrem as imposições do contexto circundante e perdem seu caráter de exclusiva subjetividade. Pela formulação que então adquirem, entram para o domínio dos fatos passíveis de serem analisados pela sociologia.

Nesta maneira de se compreender o subjetivismo, permanece ele como puramente individual, e mesmo como essencialmente individual, enquanto não é apanhado nas malhas da percepção. Sua base seriam as funções vegetativas que dariam lugar a sensações vagas e difusas de bem-estar ou de mal-estar, cuja influência se faria sentir fora dos órgãos dos sentidos, porém que constituiriam uma das causas físicas importantes dos sonhos, por exemplo, mas causa exclusivamente física, o sonho tendo também um conteúdo que se liga estreitamente ao contexto sócio-cultural do indivíduo. Em tal perspectiva, o conteúdo do

sonho pode ser abarcado pelo estudo sociológico; quanto ao aspecto cinestético, somente quando, como já se disse, de sensação passiva a percepção.

Ainda que o subjetivo seja entendido como as sensações intraduzíveis, ainda assim é próprio dos indivíduos tentar compreendê-las primeiramente, e transmitir aos outros o que compreendeu; porém ao fazê-lo forçosamente utiliza os mecanismos que tem à sua disposição e que lhe foram dados pela família, pelo grupo, pela sociedade. A história de vida pode tentar desvendar o ponto em que características destas coletividades se juntam às sensações cinestésicas, buscando a interação entre ambas, e esclarecendo quais os instrumentos sociais utilizados para a tradução.

A esta maneira mais antiga de compreender o subjetivismo veio se juntar outra mais recente, baseada na teoria de Jung, dos arquétipos enraizados na própria natureza do ser humano; isto é, existiriam representações simbólicas comuns a todos os indivíduos através dos tempos, sejam quais forem as raças e os momentos. A semelhança das estruturas mentais seria fundamental, e dela emanariam representações similares banhadas sempre numa dominante de tonalidade afetiva. Assim, modelos de ação e de comportamento se encontrariam em povos muito diversos, muito afastados no tempo e no espaço, que não teriam desenvolvido nem contatos, nem influências recíprocas.

Este conjunto comporia o "inconsciente coletivo" e constituiria o fundamento do subjetivismo individual na medida em que estaria unido ao conjunto que, no plano biológico, foi chamado de "instinto". Nesta maneira de ver, a concepção de subjetivismo se inverte, já que ele não tem mais por base o que seria essencialmente individual, mas repousaria em materiais coletivos inconscientes; herdados juntamente com as estruturas mentais, representariam o aspecto psíquico destas. Todo o psiquismo seria, então, menos individual do que coletivo, pois estaria sempre sob a influência das representações e imagens arcaicas reunidas no inconsciente coletivo.

Se aceita esta segunda concepção do subjetivismo, com mais razão então recai ele no campo de estudos da antropologia e da sociologia. O conhecimento dos arquétipos, figuras dinâmicas com estrutura relativamente geral, estariam presentes no inconsciente de qualquer indivíduo. Uma análise que desvendasse estas configurações invariantes, veladas pelos significados simbólicos acumulados através dos tempos, constituiria um objetivo daquelas duas disciplinas. As vias de acesso para descerrar os véus que ocultariam as imagens arcaicas seriam variadas: análise dos sistemas mágicos, religiosos, filosóficos,

interpretação dos sonhos individuais, etc. As histórias de vida aparecem então como instrumentos de grande utilidade para atingir, sob a gama dos modelos de pensamento e de ação mais recentes, adquiridos no contato com a realidade sócio-cultural cotidiana, as estruturas mentais mais antigas.

Adote-se uma ou outra maneira de compreender o subjetivismo cabe sempre submetê-lo à perspectiva sócio-antropológica a fim de aprofundar sua compreensão. Não foram muitos, porém, os estudos destas disciplinas que se abalaram à exploração ampla destas profundezas dos seres humanos e das sociedades. Sem dúvida há a necessidade de um refinamento dos instrumentos de trabalho para poderem ser levada a efeito com suficiente êxito. Mas pergunta-se: é possível refinar mecanismos sem ao mesmo tempo exercitá-los?

As histórias de vida poderiam constituir ferramenta valiosa para a intensificação de tais estudos, uma vez que se colocam justamente no ponto de intersecção das relações entre o que é exterior ao indivíduo e o que ele traz em seu íntimo. Tais observações reforçam as afirmações de que há nesta técnica uma riqueza potencial ainda não utilizada pelas ciências sociais, e de que seu refinamento enquanto mecânica de pesquisa, para ser alcançado, necessita de uma utilização prática devidamente acompanhada de uma reflexão metodológica cada vez mais aprofundada.

Notas

1. THOMAS, W. I. e ZNANIECKI, F. *The Polish Peasant in Europe and America*. (1918-1920) — New York, Dover, 2.^a ed., 2 vols., 1927; DOLLARD, John. *Criteria for the Life History*. New York, Yale University Press, 1955; BOAS, Franz. *Race, Language and Culture*. 1942.
2. LEWIS, Oscar. *Os filhos de Sanchez*. Lisboa, Moraes Ed., 1970.
3. LEROI-GOURHAN, André. *Le Geste et la Parole*. Paris, Ed. Albin Michel, 2 vols., 1964.
4. PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. "Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva". S. Paulo, Centro de Estudos Rurais e Urbanos e Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. Coleção *Textos*, n. 4, 1983.
5. PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura; ALVES DE OLIVEIRA, Antonia; RODRIGUES, Dirce Spedo; MACERON, Viviane Galisteu — "S. Paulo, 1920-1930: depoimentos de trabalhadores de baixos recursos" — S. Paulo, *Cadernos*, Centro de Estudos Rurais e Urbanos, n. 15, 1.^a série, agosto de 1981. — É interessante verificar que, a orientar esta pesquisa, não havia ainda a autora refletido suficientemente sobre a terminologia e a técnica que estava empregando, tendo utilizado assim "depoimentos" como sinônimo de "histórias de vida". Na verdade, esta última técnica foi a empregada.

6. A técnica de depoimentos foi abundantemente empregada por Olga Rodrigues de Moraes VON SIMSON, em suas pesquisas sobre o carnaval paulista, ainda em curso, de que se pode ter uma primeira idéia através do artigo "Transformações culturais, criatividade popular e comunicação de massa: o Carnaval Brasileiro ao longo do tempo" — S. Paulo, *Cadernos*, Centro de Estudos Rurais e Urbanos, n. 14, 1.^a série, dezembro, 1981.

7. THOMAS, W. I. e ZNANIECKI, F. *The Polish Peasant in Europe and America* (1918-1920) New York, Dover, 2.^a ed., 2 vols., 1927.

8. POIRIER, J., CLAPIER-VALLADON, S. et RAYBAUT, P. "Les Récits de vie (Théorie et pratique)" Paris, Presses Universitaires de France, Col. *La Sociologue*, 1983.

9. TILLION, Germaine. *Ravensbrück*. Paris, Editions du Seuil, 1973.

10. No Brasil, Roger BASTIDE parece ter sido o primeiro a utilizar as histórias de vida como técnica de estudo, tendo suscitado também as primeiras reflexões metodológicas a respeito. Ver na revista *Sociologia*, v. XV, n. 1, março de 1953, seu artigo "Introdução a dois estudos sobre a técnica das histórias de vida". Os dois estudos, constantes da mesma revista, foram: PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura, "Histórias de Vida e Depoimentos Pessoais" e JARDIM MOREIRA, Renato, "A história de vida na pesquisa sociológica". Todo o conjunto está re-editado em PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura, "Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva", S. Paulo, CERU/FFLCH/USP, Col. *Textos*, n. 4, 1983. Dessa mesma época, ligadas à mesma pesquisa sobre as relações raciais entre negros e brancos em S. Paulo, ver NOGUEIRA, Oracy, "A história de vida como técnica de pesquisa", S. Paulo, *Sociologia*, v. XIV, n. 1, março de 1952.

11. Florestan FERNANDES utilizou a técnica de histórias de vida a partir de outros documentos, numa direção pouco usual nas ciências sociais: fez a análise da história de vida de Tiago Marques Aipobureu, recolhida pelo etnólogo Prof. Herbert BALDUS e figurando em seus "Ensaio de Etnologia Brasileira", S. Paulo, 1937; completou o trabalho com as observações efetuadas pelos pesquisadores Antonio COLBACCHINI e Cesar ALBISETTI, registradas em "Os bororo orientais, orarimogodoque do planalto oriental de Mato Grosso", S. Paulo, 1942. Trata-se também de excelente exemplo de como uma única história de vida pode ser utilizada em profundidade para o esclarecimento de problemas sócio-antropológicos. FERNANDES, Florestan, "Tiago Marques Aipobureu: um bororo marginal", "in" *Mudanças Sociais no Brasil*. S. Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960. Tiago Marques Aipobureu faleceu em 1958.

12. Cite-se os *Museus da Imagem e do Som*, no Rio de Janeiro e em São Paulo, que encerram hoje fartíssima documentação. Na Fundação Getúlio Vargas, o Centro de Pesquisas e Documentação (CPDOC) foi fundado com duplo objetivo: o de arquivo de história oral sobre as décadas que precederam e se seguiram imediatamente à Revolução de 30, e o de centro de estudos sobre essa mesma documentação. Nele se imprimia o desejo de conservar a história viva através de depoimentos e histórias de vida dos remanescentes dessa época. Também tem estudado a técnica da história de vida. Ver CAMARGO, Aspásia; ROCHA LIMA, Valentina da, e HIPOLITO, Lúcia — "O método das histórias de vida na América Latina", S. Paulo, *Cadernos*, Centro de Estudos Rurais e Urbanos, n. 19, 1.^a série, junho de 1984.

13. BOSI, Edda. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. S. Paulo, T. A. Queiroz Ed., 1979.

14. Um bom exemplo são as pesquisas em curso de Zeila de Brito F. DEMARTINI: "Velhos mestres de novas escolas: professores primários rurais na 1.ª República (S. Paulo)" — S. Paulo, Centro de Estudos Rurais e Urbanos, mimeografado, 1985.

15. Um exemplo nunca é demais. Em pequeno *survey*, efetuado no município de Torrinhã (S. Paulo), na década de 60, pelo Centro de Estudos Rurais e Urbanos, verificou-se que recentemente a grande maioria de fazendeiros, sitiantes, agricultores, passara a habitar na cidade. Contavam que trabalhar era "como ir ao escritório": saíam de manhã para a propriedade e regressavam à tarde, utilizando variados meios de locomoção de sua propriedade — tanto o cavalo, a charrete, quanto o automóvel e o jipe. Esperava-se efetuar em seguida uma série de histórias de vida com produtores de variado nível econômico, tanto os que tivessem mudado de *habitat* quanto os que não o tivessem feito, para verificar o que experimentavam de material e concreto, e também psicológica e valorativamente, com a mudança. Porém, os "azares" da época em que se vivia então, impossibilitaram o prosseguimento da pesquisa.

16. As pesquisas utilizando técnicas quantitativas preconizam a realização de um pré-levantamento, ou pesquisa-piloto, para se tomar conhecimento dos problemas existentes efetivamente. Histórias de vida são sempre repositórios destes problemas, podendo-se para tal consultar previamente as já existentes com o mesmo intuito da pesquisa-piloto.

17. Veja-se a respeito o artigo de MOREIRA, Renato Jardim citado na nota n. 10.

18. Para melhor compreensão destes aspectos, consultar a bibliografia de apoio, em anexo. Os textos citados nestas notas não se encontram nela repetidos por ter sido apresentada aqui a citação completa.

* * *

Biografia de apoio *

BERTAUX, D. "L'approche biographique: sa validité méthodologique, ses potentialités". *Cahiers Internationaux de Sociologie*. Paris, v. LXIX, 1980.

BERTAUX, Daniel. *Biography and Society*. Londres, Sage Ed., 1981.

BLAY, Eva Alterman. "Histórias de vida: problemas metodológicos de investigação e de análise". *Cadernos*, Centro de Estudos Rurais e Urbanos, 1.ª série, n. 19, S. Paulo, junho 1984.

BONNAIN, Roland & ELEGOET, Fanch. "Mémoires de France: les archives orales, pourquoi faire?" *Ethnologie Française*, Nouvelle Série, tome 8, n. 4, Paris, octobre-décembre/1978.

CATANI, Maurizio. *Approccio biografico, formazione e auto-formazione*. Roma. *La critica sociologica*, n. 11/72, outunno-inverno, ottobre-dicembre 1984/gennaio-marzo, 1985.

CIPRIANI, Roberto et alii. *Il Simbolo conteso*. Roma, Iauva Ed., 1980.

CIPRIANI, Roberto. "Il caso di Valle Aurelia". *La Critica sociologica*, n. 63-64, Roma, 1982-1983.

CRESPI, P. "Narrazione e ascolto. Aspetti e problemi dell'approccio orale in sociologia". *La Critica sociologica*, n. 70, Estate, Roma, aprile-giugno 1984.

DESROCHE, Henri. *Apprentissage en Sciences Sociales et éducation permanente*. Paris, Les Éditions Ouvrières, 1971.

FERRAROTI, F. "Appunti sul metodo biografico". *La Critica sociologica*, n. 47, Roma, 1978.

———. *Vite da Baraccati*. Nápoles, Liguari Ed., 1974.

———. *Vite di periferia*. Milão, Mondadori Ed., 1981.

———. *Storia e storie di vita*. Bari, Ed. Laterza, 1981.

FROTA, Luciara Silveira de Aragão e. "O documento oral e algumas de suas fontes". *Cadernos*, Centro de Estudos Rurais e Urbanos, n. 16, 1.ª série, S. Paulo, novembro de 1981.

FROTA, Luciara Silveira de Aragão e. *Documentação oral e a temática da seca*. Brasília (DF), Ed. do Senado Federal, 1986.

HALBWACHS, M. *Les Cadres sociaux de la mémoire*. Paris, Presses Universitaires de France, 1952.

HALBWACHS, Maurice. *La Mémoire collective*. Paris, Presses Universitaires de France, 1950. (Ed. bras. no prelo, Edições Vértice).

IGLESIAS, Esther. "Reflexões sobre o que fazer da história oral no mundo rural". *Dados* (Revista de Ciências Sociais), v. 27, n. 1, Rio de Janeiro, 1984.

LEJAUNE, Ph. *Le Pacte autobiographique*. Paris, Ed. du Seuil, 1975.

LEVY, R. "Per une ricerca biografica integrata". *La Critica sociologica*, n. 70, Estate, Roma, aprile-giugno/1984.

MACIOTI, Maria I. *Biografia, storia e società* (L'uso delle storie di vita nelle scienze sociali). Nápoles, Liguori Ed., 1985.

RAVIS GIORDANI, Georges. "De l'utilisation des témoignages oraux: aspects déontologiques". *Ethnologie française*, Nouvelle Série, tome 8, n. 4, Paris, octobre-décembre, 1978.

SZAVAI, János. "L'autobiographie naive". *Diogenes*, n. 130, Paris, avril-juin, 1985.

THOMPSON, P. "Des récits de vie à l'analyse du changement social". *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. LXIX, Paris, 1980.